



Tributo ao Papa Francisco e ao seu “magistério missionário”

Missão, o principal legado do Papa Francisco



Logo que se soube do falecimento do Papa Francisco, na manhã da Segunda-feira da Pascoela, os meios de comunicação social começaram a veicular testemunhos muito belos sobre ele e o seu legado. Chegaram de todas as latitudes e de todos os quadrantes políticos e sociais, sinal de que a sua pessoa e ministério eram realmente apreciados por tanta gente à volta do globo.

Ouvimos testemunhos sobre o seu estilo de escuta, simplicidade e acolhimento; sobre a sua atenção à Casa Comum, mas também aos pobres, excluídos e migrantes; sobre a sua busca de caminhos de paz e de diálogo social, ecuménico e inter-religioso; sobre a sua vontade de criar uma Igreja inclusiva e misericordiosa, “hospital de campanha”, que vai ao encontro das periferias da humanidade; sobre o seu

combate aos abusos sexuais contra crianças e adultos vulneráveis; sobre o seu esforço para fazer da Igreja casa de “todos, todos, todos” e pô-la num verdadeiro caminho de sinodalidade missionária.

Muito foi dito e muito poderá ser dito sobre um papado extraordinário que procurou lançar pontes e propor uma Igreja aberta, que acolhe, cura e ajuda a todos. Por isso, parece-me que **a atitude por detrás de todo o ministério petrino do Papa Francisco estava a convicção, repetidamente expressa, de ele sonhar e querer uma “Igreja em saída”, uma Igreja missionária**, que vai ao encontro de todos sem excepção. Esta convicção foi expressa por ele, no seu discurso aos cardeais na última Congregação Geral antes do conclave de 2013, que o elegeu como Papa (*ver texto na pág. 14*), e que segundo

os especialistas, poderá ter levado à sua eleição.

Alguns **elementos estruturantes do seu pontificado** confirmam que a grande preocupação do Papa Francisco era a missão universal da Igreja. De entre eles destaco:

1. A sua insistência na mensagem missionária. Basta recordar a sua Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, *Evangelii gaudium*, publicada apenas oito meses depois da sua eleição como Sucessor de Pedro; o livro-entrevista sobre a missão intitulado “Sem Ele nada podemos fazer. Ser missionários no mundo de hoje”, publicado em 2019; o longo ciclo de catequeses das Quartas-feiras dedicadas à “paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente”, feitas em 2023; as mensagens às Obras Mis-



sionárias Pontifícias, por ocasião das suas assembleias anuais e as mensagens para o Dia Mundial das Missões. **A missão foi, sem dúvida, o tema número um do papado de Francisco, que dela falava dia-sim-dia-sim, intrepidamente, em homilias, discursos e intervenções, para consolação e goáudio dos missionários, que viram nele o seu maior aliado na Igreja.**

2. As suas viagens apostólicas.

Durante os pouco mais de 12 anos do seu pontificado, apesar da idade avançada e dos seus problemas de locomoção, o Papa Francisco realizou umas 48 viagens apostólicas (23 na Europa, 11 na Ásia, 8 na América, 5 na África e 1 na Oceânia), algumas das quais de grande pendor simbólico e missionário. Desde logo, a sua deslocação a Lampedusa, no sul de Itália, menos de quatro meses após a sua eleição como bispo de Roma e pastor universal, para dar visibilidade ao problema da imigração. Depois, fez viagens a países onde os cristãos estão em minoria (como na Terra Santa, Albânia, Turquia, Sri Lanka, Bósnia e Herzegovina, Cuba, República Centro-Africana, Geórgia, Azerbaijão, Suécia, Egipto, Myanmar, Bangladesh, Marrocos, Bulgária, Macedónia do Norte, Roménia, Ilhas Maurícias, Japão, Tailândia, Cazaquistão, Singapura, Bahrein, Iraque, Mongólia, só para

mencionar alguns) ou para afirmar a importância do diálogo inter-religioso, como na visita aos Emiratos Arabes Unidos, em 2019, onde com o grande imã de Al Azhar Al Sharif, assinou a Declaração histórica em prol da defesa da paz mundial.

3. A reforma da Cúria Romana.

Na Constituição para a Reforma da Cúria Romana, *Praedicate Evangelium* (“Pregar o Evangelho”), promulgada a 19 de Março de 2022, o Papa separou o poder de governação na Igreja do poder das ordens e permitiu, assim, “o envolvimento de homens e mulheres leigos também no papel de governo e responsabilidade na Igreja”, o que levou, por exemplo, à nomeação de dois leigos como Prefeitos dos departamentos do Vaticano para a economia e as comunicações e de uma mulher, a Irmã Simona Brambilla, MC, como Prefeita do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; e, sobretudo, **fez do Dicastério para a Evangelização o primeiro e mais importante de todos, ao ordenar que fosse “presidido pelo Romano Pontífice”**. Trata-se de uma mudança que podíamos definir Copernicana: o Dicastério para a Doutrina da Fé, que durante tantos anos fez tremer os teólogos, perde a importância que costumava ter para acentuar a necessidade da evangelização.

Trata-se de uma mudança simbólica que deve servir de inspiração na organização das conferências episcopais em todo o mundo.

4. O sínodo para a sinodalidade. Com o subtítulo de *Comunhão, Participação e Missão*, o Sínodo visava não só fazer da Igreja uma comunidade de irmãos e irmãs mais em linha com a comunidade de Jesus – mais participativa, menos piramidal e mais horizontal no processo decisional – mas também e sobretudo ajudá-la a ser missionária. Se dúvidas houvesse, pode ver-se a insistência do Papa Francisco na ideia de que a “sinodalidade é missionária”. Ou seja, a sinodalidade é o modo através do qual a Igreja se renova e se compromete na missão, e é a expressão da sua natureza missionária.

5. “A acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, 15). Trata-se de uma afirmação ousada do Pontífice com a qual quis dizer que para passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” é preciso olhar para o que é feito no campo da primeira evangelização e deixar-se inspirar pelo trabalho dos missionários – e não considerá-los, como acontece com alguma frequência, como incomodativos e, por isso, dispensáveis na dinâmica pastoral das comunidades.

O legado missionário do Papa Francisco não caduca e deverá continuar a orientar-nos por muitos e bons anos. Lembremos, por isso, o que ele nos disse na sua magna carta “programática” sobre a missão, *Evangelii gaudium*: “Espero que todas as comunidades se esforcem por actuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma «simples administração». Constituamo-nos em «estado permanente de missão», em todas as regiões da terra” (EG, 25). A Igreja em Portugal só tem a ganhar em comprometer-se decididamente com a missão universal, pois como disse o Papa Francisco, “a missão é o oxigénio da vida cristã, que sem ela adoece e murcha”. ✦



O magistério missionário do Papa Francisco

A paixão missionária do Papa Francisco foi o fio condutor mais intenso e tenaz de todo o seu exercício do ministério petrino. O zelo missionário não foi apresentado por ele como uma urgência entre outras, como um dos campos em que investir as energias eclesiais. Pelo contrário, o Papa Francisco repetiu com insistência que a solicitude apostólica é o único modo adequado para viver e tornar fecundas e úteis todas as dinâmicas eclesiais.



Papa Francisco em Myanmar, em 2017.

Entre para os jesuítas porque me impressionava a sua vocação missionária e o facto de procurarem sempre novas fronteiras.” Assim falou de si o Papa Francisco. Depois, o jovem jesuíta que sonhava ir como missionário para o Japão tornou-se bispo de Roma. E encheu de missão o seu ministério de Sucessor de Pedro.

O desejo e a exigência de ver crescer em toda a Igreja o ímpeto de um renovado espírito missionário tornaram-se como que o coração pulsante do seu magistério. Uma “prioridade” a que quis dar *relevo objectivo e institucional*, quando na própria Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria Romana, promulgada em 2022, ordenou que o Dicastério para a Evangelização fosse “presidido pelo Romano Pontífice”. «A “conversão missionária” da Igreja», lê-se no Preâmbulo desse documento, «destina-se a renovar a Igreja segundo a imagem da missão de amor própria de Cristo. (...). Ela mesma torna-se mais radiosa, quando leva aos homens o dom sobrenatural da fé (...).»

A paixão missionária do Papa Francisco foi o fio condutor mais intenso e tenaz de todo o seu exercício do ministério petrino. **O zelo missionário não foi apresentado por ele como uma urgência entre outras, como um dos campos em que investir as energias eclesiais. Pelo contrário, o Papa Francisco repetiu com insistência que a solicitude apostólica é o único modo adequado para viver e tornar fecundas e úteis todas as dinâmicas eclesiais**, que, de outro modo, estariam destinadas a transformar-se em jogos de papéis para os “trabalhadores por conta própria” clericais. A sua intenção era encorajar a que «os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias» (*Evangelii gaudium*, 27).

O Papa Bergoglio não escreveu tratados especulativos sobre a missão. Não definiu um pensamento



académico estruturado de “programação missionária”. Pelo contrário, a sua inquietação missionária inundou todo o seu magistério ordinário, difundindo pistas, lembretes, intuições e sugestões de matriz missionária numa imensa massa de homilias, catequeses, discursos e intervenções. Um “magistério missionário” que, no entanto, também se reuniu e se definiu em torno de alguns momentos-chave, do início ao fim do Pontificado, a começar pelo “texto programático” publicado nos primeiros meses do seu ministério como Sucessor de Pedro.

O “choque missionário” da *Evangelii gaudium*

Com a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* “sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual”, publicada a 24 de Novembro de 2013, o Papa Francisco quis «propor algumas directrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo» (EG, 17). Foi um texto magisterial singular, operativo e por vezes impetuoso ao repetir com acentos inéditos que o anúncio do Evangelho é a razão de ser da Igreja.

Nesse texto, o bispo de Roma, vindo de Buenos Aires, reiterava que a missão de anunciar aos outros a salvação prometida no Evangelho, o “primeiro anúncio” – que a linguagem tradicional da Igreja define com a expressão grega “*kerygma*” (que deriva do verbo “gritar, proclamar”) – é um facto inalienável no mecanismo da salvação. Mas tal missão não nasce por si mesma, em virtude de boas intenções, de raciocínios, de esforços de vontade. Só pode ser desencadeada através de um encontro com Cristo e com as acções que Ele realiza hoje. Um encontro que suscita a fé e leva aqueles que viveram essa experiência a comunicá-la aos outros.

Testemunhar o Evangelho de Cristo – explicou o Papa Bergoglio, citando a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, que sempre lhe foi cara – nunca pode ser entendido como «uma heróica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. Jesus é “o primeiro e o maior evangelizador”. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus» (EG, 12). «Quando alguém dá um pequeno passo em direcção a Jesus», insistiu o bispo de Roma a este respeito, «descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada» (EG, 3). O Papa Francisco tinha também cunhado um neologismo, “primeirar”, para descrever a iniciativa originária do amor de Cristo como fonte de todo o dinamismo missionário. Uma graça precedente que se manifesta como uma atracção operada pelo próprio Cristo, que cativa os corações e os chama a Si. Por isso, repetia com insistência o Papa Bergoglio, citando o seu predecessor Bento XVI, na missão de anunciar o Evangelho não se trabalha por desejo de proselitismo, mas «por atracção».

O anúncio do Evangelho, sublinhou o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, não está reservado a pretensos “profissionais do *querigma*”, qualificados em virtu-

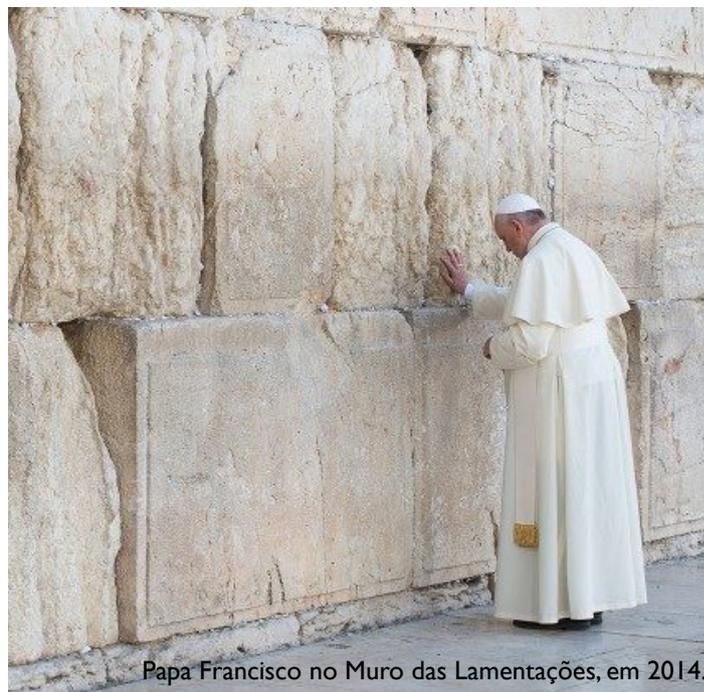
de de um qualquer curso de “formação”. O baptismo é suficiente para anunciar o Evangelho, dado que «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização.» Porque «se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que a salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe dêem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus» (EG, 120).

No caminho da fé cristã, insiste o Papa Francisco, não se deve pensar que depois dos primeiros passos «o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais “sólida”. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio» (EG, 165). E todos os actos apostólicos autênticos, incluindo as homilias nas Missas e todas as lições de catecismo, devem ecoar o coração do anúncio cristão.

Uma das notas de fundo que se percebe ao longo de todo o texto da *Evangelii gaudium* pode ser identificada com a expressão “facilitar”. O horizonte de toda a acção apostólica é facilitar o encontro com Jesus. Reconhecer a Igreja como um “povo em missão” também faz parte deste horizonte.

A Salvação prometida por Jesus e anunciada com alegria pela Igreja, adverte o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, «é para todos», e é por isso que «Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados.» Porque «ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças». E o povo «que Deus escolheu para Si e convocou, é a Igreja. Jesus não diz aos Apóstolos para formarem um grupo exclusivo, um grupo de elite. Jesus diz: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28, 19)» (EG, 113).

O Povo de Deus, reconhece também a *Evangelii*



Papa Francisco no Muro das Lamentações, em 2014.

gaudium, não é um *lobby* colectivo que se agrega com campanhas de autopromoção. É o povo daqueles que encontraram Jesus e começaram a segui-’O. É por isso que o caminho cristão nunca é um assunto reservado a inquietos alpinistas de sabe-se lá que cume ascético e espiritual. E a Igreja-Povo de Deus não é uma congregação de activistas de uma filosofia ou de uma ideia religiosa. É simplesmente um povo de baptizados, que pode testemunhar o dom da fé nas condições ordinárias e quotidianas da sua vida. «Hoje que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária», lê-se na Exortação Apostólica, «há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos» (EG, 127).

O Espírito Santo, escreve o Papa Francisco na Exortação, guia o Povo de Deus para a verdade e condu-lo à salvação. Ele dota-o de um “instinto” de fé – o *sensus fidei* – que o ajuda a reconhecer e a seguir a acção da graça de Cristo. Um dom do Espírito que se manifesta com singular evidência naquilo a que a *Evangelii gaudium* chama “espiritualidade” ou “piedade popular”. Gestos e práticas com os quais, pode dizer-se que «o povo se evangeliza continuamente a si mesmo», e que devem ser reconhecidos como «verdadeira expressão da actividade missionária espontânea do povo de Deus» (EG, 122).

Gestos e práticas que nunca devem ser descartados como manifestações de religiosidade natural: «Quem ama o povo fiel de Deus, advertiu o Papa Francisco, «não pode ver estas acções unicamente como uma busca natural da divindade; são a manifestação duma vida teologal animada pela acção do Espírito Santo, que foi derramado em nossos corações» (EG, 125).

Mensagens às OMP e para o Dia Mundial das Missões

Todos os anos, o Papa Francisco soube manifestar a sua solicitude missionária também através das tradicionais *Mensagens para o Dia Mundial das Missões* (celebrado habitualmente em toda a Igreja no penúltimo Domingo de Outubro) e dos discursos dirigidos às Obras Missionárias Pontificias por ocasião da sua Assembleia Geral anual. Discursos e mensagens que o Papa Francisco utilizou para repropor as orientações do seu magistério missionário, aplicando-as às circunstâncias do momento e às urgências do caminho da Igreja universal. Assim, o Papa Francisco teve muitas ocasiões para repetir a todos (como fez, por exemplo, no encontro com os directores nacionais das OMP, a 1 de Junho de 2018) que o protagonista e «o autor» da missão da Igreja é «o Espírito Santo», e que o livro a ser usado para a oração por aqueles que proclamam o nome de Cristo ao mundo não é um manual para “dar uma alma” às estratégias de *marketing* missionário, mas o pequeno volume dos *Actos dos Apóstolos*. A história simples dos milagres operados pelo Espírito Santo entre os primeiros amigos de Jesus. É preciso «ir lá para encontrar inspiração”. E o protago-

nista desse livro», acrescentou nessa altura, «é o Espírito Santo».

Assim, na sua penúltima *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, divulgada a 2 de Fevereiro de 2024, o Pontífice recordou que o Concílio Vaticano II sublinhou o «carácter escatológico do compromisso missionário da Igreja», ao recordar que «a actividade missionária desenrola-se entre o primeiro e o segundo advento do Senhor». Os primeiros cristãos, recordou o Sucessor de Pedro naquela mensagem, «sentiam a urgência do anúncio do Evangelho». Por isso, «também hoje», sublinhou o Papa Francisco, «é importante ter presente tal perspectiva, porque nos ajuda a evangelizar com a alegria de quem sabe que “o Senhor está perto”».

Uma extensão singular foi a *Mensagem do Papa Francisco às Obras Missionárias Pontificias*, publicada em 21 de Maio de 2020, no auge da pandemia de Covid-19. Nesse texto magisterial, para além de retomar algumas palavras-chave da *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco ofereceu também ideias e conselhos para aqueles que estão mais intensamente envolvidos no trabalho apostólico confiado à Igreja. Recordou, entre outras coisas, que quem anuncia Jesus com a sua vida, segue-O também pelo caminho da paciência com que Ele «acompanhava sempre com misericórdia os passos de crescimento das pessoas» sem «acrescentar pesos inúteis às vidas já afadigadas das pessoas», e sem «impor percursos sofisticados e trabalhosos de formação para usufruir daquilo que o Senhor concede com facilidade». Recordou que Jesus se encontrou com os Seus primeiros discípulos enquanto eles estavam imersos no concreto das suas vidas, enquanto estavam empenhados no seu trabalho («Não os encontrou num congresso, num seminário de preparação, nem no Templo»), para repetir que a missão não precisa de «criar mundos paralelos», nem de «criar bolhas mediáticas onde fazer ressoar os próprios *slogans*».

Às Obras Missionárias Pontificias, rede de caridade e oração ao serviço da missão espalhada por todo o mundo, o Papa sugeriu ainda que se valorize o vínculo especial que as une ao Sucessor de Pedro, e que pode tornar-se «um sustentáculo de liberdade» e uma ajuda para «subtrair-se de modas passageiras, da restrição a escolas de pensamento unilaterais ou de homologações culturais de cunho neocolonialista».

Nesse texto, o Papa Francisco recordou também algumas «patologias» que podem distorcer o trabalho de sujeitos e instituições envolvidos na actividade missionária, como a «auto-referencialidade» de aparelhos e personalidades que na Igre-

“
A Igreja ou está em saída ou não é Igreja. Ou anuncia ou não é Igreja. Se a Igreja não sai, corrompe-se, distorce-se, torna-se outra coisa. Torna-se uma associação espiritual.
”



Papa Francisco no Museu dos Emiratos, inaugura estátua de Cristo e algumas páginas do Alcorão Azul.

ja dedicam «energias e atenção sobretudo à sua autopromoção e à celebração em chave publicitária das suas iniciativas». Ou a presunção dirigista de grupos e aparelhos que olham para a multidão dos baptizados como «uma massa inerte», a ser reanimada e mobilizada para a levar a «uma “tomada de consciência” que se deve estimular por meio de argumentações, apelos, ensinamentos». Ou, ainda, a abstracção contagiosa daqueles que multiplicam «inúteis locais de elaboração estratégica» para «para produzir projectos e directrizes que servem apenas como instrumentos de autopromoção de quem os inventa».

O livro-entrevista sobre a missão

Logo a seguir a Outubro de 2019, celebrado como “Mês Missionário Extraordinário”, foi publicado o livro-entrevista do Papa Francisco “Sem Ele nada podemos fazer. Ser missionários no mundo de hoje” (LE-V-Edizioni San Paolo). O próprio bispo de Roma, ao entregá-lo aos responsáveis da Cúria Romana, durante o tradicional encontro de felicitações de Natal, apresentou-o como «o “documento” – chamemo-lo assim – que eu quis fazer para o mês missionário extraordinário». E acrescentou: «Inspirou-me uma frase – não sei de quem – que dizia: quando o missionário chega a um lugar, já está lá o Espírito Santo à espera dele».

Nesse pequeno volume, o Papa Bergoglio pôde de-ter-se em algumas das fórmulas que mais utilizou para sugerir o dinamismo próprio e a fonte de cada obra apostólica. Fórmulas que, nalguns casos, corriam o risco de serem reduzidas a *slogans* dos novos “conformismos” da linguagem eclesial. «“Igreja em saída”, explicou por exemplo o Papa Francisco, «não é uma expressão da moda que eu inventei. É o mandato de Jesus, que no *Evangelho de Marcos* pede aos Seus seguidores para irem por todo o mundo pregar o Evan-

gelho “a toda a criatura”. **A Igreja ou está em saída ou não é Igreja. Ou anuncia ou não é Igreja. Se a Igreja não sai, corrompe-se, distorce-se, torna-se outra coisa. Torna-se uma associação espiritual. Uma multinacional para lançar iniciativas e mensagens religiosas.**» E acrescentou: «A missão, a “Igreja em saída”, não é um programa, uma intenção a realizar por esforço de vontade. É Cristo que faz sair a Igreja de si mesma. Na missão de proclamar o Evangelho, tu moves-te porque o Espírito Santo te impele. E Ele leva-te. E quando chegas, dás-te conta de que Ele chegou antes de ti e te espera».

No livro-entrevista sobre a missão, o Papa Francisco também deu razões para o seu insistente apelo a não desvirtuar a missão cristã, comparando-a a uma forma de proselitismo: «Há proselitismo», explicou o bispo de Roma, «onde quer que haja a ideia de fazer crescer a Igreja prescindindo da atracção de Cristo e da obra do Espírito, apostando tudo em qualquer tipo de “discurso sábio”. Por isso, em primeiro lugar, o proselitismo afasta da missão o próprio Cristo e o Espírito Santo, mesmo quando pretende actuar em nome de Cristo». O proselitismo, acrescentou o Papa Francisco, «não suporta a liberdade e a gratuidade com que a fé pode ser transmitida, por graça, de pessoa a pessoa».

Catequeses sobre o “zelo apostólico”

Em 2023, nas Audiências Gerais das Quartas-feiras, o Papa Francisco quis levar a cabo um longo ciclo de catequeses dedicadas à «paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente» («um tema urgente e decisivo para a vida cristã»), que pontuou todo o seu décimo ano de Pontificado. Deste modo, o Bispo de Roma quis retomar e relançar em toda a sua ressonância a conotação “missionária” que tinha marcado toda a trajectória do seu magistério papal.

O ciclo de catequeses sobre o zelo apostólico desenrolou-se perante as multidões reunidas na Praça de São Pedro ou na Sala Paulo VI, como uma longa viagem cheia de sugestões, pistas, apelos, conselhos, histórias pessoais, oferecidas pelo Papa Francisco para acompanhar todos «à redescoberta da paixão evangelizadora», e atestar que **a fé cristã é um «tesouro» que «se recebe» e «se transmite» aos outros tal como se recebeu, sem a necessidade de acrescentar mais, ou de contar com a «força das próprias ideias, programas, estruturas»**. Na segunda parte do ciclo de catequeses, o Sucessor de Pedro repropôs também as figuras do jesuíta Matteo Ricci, de Santa Kateri Tekakwitha e de tantas outras «testemunhas que reacenderam na Igreja a paixão pelo Evangelho, a fim de que nos ajudem a reavivar o fogo que o Espírito Santo quer fazer arder sempre em nós».

As “afinidades electivas” entre o Papa Francisco e os missionários

Durante os seus 12 anos de Pontificado, muitos missionários e missionárias sentiram com gratidão uma singular proximidade e afinidade electiva com o acento pessoal da sua sensibilidade cristã, como relatam também os testemunhos missionários publicados na Agência Fides.

Muitos missionários e missionárias sentiram-se próximos e familiarizados com os seus apelos às “zonas cinzentas” do ser humano, nas quais normalmente se realiza o anúncio do Evangelho, os seus convites a sujar as mãos com a realidade, a assumir a vida tal como ela é, com as suas imperfeições e defeitos, as suas misérias e fracassos, longe das abstrações per-

feccionistas dos rigorismos de todo o género.

Tantos missionários alegraram-se ao ouvi-lo pregar que não se deve ter pretensões apriorísticas quando se quer salvar almas, e que as adaptações que visam “salvar o que pode ser salvo” são sempre mais eficazes do que o entrincheiramento rígido na pureza dos próprios princípios ideologizados.

Muitos missionários sabem por experiência que «um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correcta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades» (*Evangelii gaudium*, 44). Tantos missionários sabem também por experiência que quem anuncia o Evangelho e quer oferecer o dom da graça e da cura dos sacramentos do Senhor é, por vezes, chamados a escolher um modo de proceder «onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito», a disponibilidade para escutar, para caminhar passo-a-passo, e para «dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa», porque, «como dizia o Beato Pedro Fabro: “O tempo é o mensageiro de Deus”» (EG, 171).

Por tudo isto, e muito mais, **o “magistério missionário” do Papa Francisco pode ainda ser precioso para os caminhos e tempos eclesiais do futuro**. Onde todos poderão guardar as suas palavras e a sua memória, recordando que «tudo na Igreja deve conformar-se com as exigências do anúncio do Evangelho; não com as opiniões dos conservadores ou dos progressistas, mas com o facto de que Jesus alcance a vida das pessoas» (Papa Francisco, *Catequese da Audiência Geral de Quarta-feira*, 22 de Fevereiro de 2023). ✦



Papa Francisco recebe delegação Budista da Mongólia, em 2022.

A eclesiologia do Vaticano II

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi descrito como um “Concílio da Igreja sobre a Igreja”. Durante quatro anos, a Igreja reflectiu sobre a sua própria identidade como comunidade dos discípulos de Cristo. Esta reflexão procura captar uma “Eclesiologia do Vaticano II” em oito imagens “instantâneas”.

Fundação da Igreja. A Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*) afirma que: “O mistério da santa Igreja manifesta-se na sua fundação” (LG, 5). A fundação da Igreja não é simplesmente um “acontecimento único”; seis elementos entram numa compreensão global da fundação da Igreja.

Os seis eventos são: A pregação do Reino por Jesus; A escolha dos Doze Apóstolos; A promessa a Pedro; O evento da Última Ceia; A morte e ressurreição de Jesus; e o envio do Espírito Santo no Pentecostes.

Pregação do Reino. O Vaticano II observou: “Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o Seu mistério” (LG, 3). Durante o Seu ministério público, Jesus deu passos concretos (por exemplo, a escolha dos doze apóstolos e a promessa a Pedro) para assegurar a continuação da pregação do Reino.

O Reino exige novas atitudes e relações renovadas. O Reino não é um lugar, mas “o governo dinâmico de Deus nas nossas vidas”. A Igreja tem a missão de continuar a pregação e a realização concreta do governo e do reino de Deus neste mundo.

Povo de Deus. O Concílio utiliza várias imagens bíblicas da Igreja. A imagem predominante centra-se no “Povo de Deus”. Este povo é “propriedade de Deus”; não pertence a nenhum povo, raça, grupo étnico ou cultural. Uma pessoa torna-se membro do povo de Deus ao “nascer de novo” pela fé e pelo sacramento do baptismo (cf. Jo 3, 5).

O título do segundo capítulo da *Lumen Gentium* é “O Povo de Deus”. Assim, afirma-se que todo o povo é responsável pela missão da Igreja. Pode-se afirmar validamen-

te que a Igreja deve ser um “povo servidor”.

Corpo de Cristo. Esta imagem da Igreja proclama uma comunhão misteriosa, mas real, entre o próprio corpo de Cristo e os membros da Igreja. Jesus associou sempre os Seus discípulos à Sua própria vida, fazendo-os participar na Sua missão, nas Suas alegrias e nos Seus sofrimentos.

Jesus revelou uma verdadeira comunhão entre o Seu corpo e o nosso, entre a Sua pessoa e a Igreja, dizendo: “Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim, e Eu nele (Jo 6, 56). No entanto, há diversidade nos seus membros. Na verdade, há “unidade na diversidade”!

Templo do Espírito. O Espírito Santo faz da Igreja “o templo do Deus vivo” (2 Cor 6, 16). Santo Agostinho afirmava: “O que a alma é para o corpo humano, o Espírito Santo é para o Corpo de Cristo, que é a Igreja.”

O Espírito Santo dota o templo da Igreja de uma grande variedade de carismas. Estes dons concedidos pelo Espírito, quer sejam extraordinários ou simples e humildes, são as muitas e diversas graças e capacidades que se encontram entre os membros da Igreja.

Identidade missionária. Uma descrição fundamental da Igreja encontra-se no decreto missionário *Ad Gentes*: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária” (AG, 2). Assim, se a Igreja não se empenha na evangelização e na pregação activa do Evangelho, não está a ser fiel a si mesma.

A *Ad Gentes* centra a identidade missionária da Igreja na Trindade. O Pai envia Jesus Cristo e juntos enviam o Espírito Santo. O nosso Deus cristão, Pai, Filho e Espírito, é verdadeiramente um “Deus missionário”.

A Igreja como servidora. Na *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo actual), o Concílio afirma que a Igreja deve ser uma “Igreja servidora”, imitando o próprio Jesus que veio “para servir e não para ser servido” (GS, 3).

Há literalmente dezenas de formas de a Igreja imitar o Seu Mestre servidor: cuidados de saúde, educação, justiça e paz, preservação do ambiente, promoção da mulher, diálogo inter-religioso, catequese e proclamação; a lista parece quase interminável.

A família: A Igreja doméstica. A família é chamada de “Igreja doméstica” na *Lumen Gentium* 11. Esta bela descrição sugere que a comunidade de fé começa em casa, na unidade familiar.

As famílias geram novos membros para a Igreja. É em casa que a fé é transmitida pela palavra e pelo exemplo dos pais. É no ambiente familiar que o amor é mais bem assimilado. A oração e a devoção em família podem favorecer eficazmente a fé. A família é o “viveiro” da Igreja.

Conclusão. De facto, cada uma destas ricas intuições do Concílio é um desafio permanente para nos tornarmos autenticamente a Igreja viva de Jesus Cristo!

Guia de reflexão: Em relação a cada uma destas oito imagens da Igreja, reflecta e pergunte: Como é que isto se aplica a mim, à nossa comunidade e à nossa participação activa na missão da Igreja no mundo de hoje? ✨

Padre James H. Kroeger
Missionário Maryknoll

O P.º James Kroeger é um missionário americano, que trabalhou na Ásia (Bangladesh e Filipinas), mais de cinco décadas.

“O Crucificado, fonte de esperança”

Contemplemos a Cruz para que nasça em nós a esperança. Nela veremos Jesus espoliado de tudo, recordando-nos que também nós devemos libertar-nos das coisas supérfluas, das ambiguidades, das falsidades. Veremos também Jesus ferido, convidando-nos a perdoar a quem nos fere, a converter o mal em bem, a transformar a dor em amor. E deixemos que as nossas feridas sejam furos de luz e sejam curadas no serviço aos outros.



Papa Francisco no Brasil, em 2013.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A Paixão do Senhor termina dizendo que os chefes dos sacerdotes e os fariseus, com a ajuda dos guardas «foram e guardaram o túmulo, selando a pedra» (Mt 27, 66). Tudo parece ter acabado. Para os discípulos de Jesus, aquela pedra marca *o fim da esperança*. O Mestre foi crucificado, morto da maneira mais cruel e humilhante, pendurado num patíbulo infame fora da cidade: um fracasso público, o pior final possível – naquela época era o pior. Pois bem, aquele desânimo que oprimia os discípulos não nos é totalmente estranho hoje. Também em nós se adensam pensamentos obscuros e sentimentos de frustração: por que tanta indiferença em relação a Deus? Isto é curioso: por que tanta indiferença em relação a Deus? Por que

há tanto mal no mundo? Por que é que as desigualdades continuam a aumentar e não chega a tão almejada paz? Por que somos apegados assim à guerra, a fazer mal uns aos outros? E, no coração de cada um, quantas expectativas desvanecidas, quantas decepções! E ainda aquela sensação de que os tempos passados foram melhores e de que no mundo, talvez até na Igreja, as coisas não são como outrora... Em síntese, **ainda hoje a esperança parece por vezes selada sob a pedra da desconfiança**. Convido cada um de vós a pensar nisto: onde está a tua esperança? Tens uma esperança viva, selaste-a ali, ou puseste-a na gaveta como uma lembrança? A tua esperança impele-te a caminhar ou é uma recordação romântica como se fosse algo que não existe? Onde está a tua esperança hoje?

Na mente dos discípulos permanecia fixa uma imagem: *a cruz*. Nela tudo acabou. Nela estava concentrado o fim de tudo. Mas pouco tempo depois descobririam na própria cruz um novo início. Prezados irmãos e irmãs, é assim que **a esperança de Deus germina, nasce e renasce nos buracos negros das nossas expectativas desiludidas; e ela, a esperança verdadeira, pelo contrário, nunca desilude!** Pensemos precisamente na cruz: do mais terrível instrumento de tortura, Deus obteve o maior sinal de amor. Aquele madeiro de morte, transformado em árvore de vida, lembra-nos que os inícios de Deus começam muitas vezes a partir dos nossos fins. É assim que Ele gosta de fazer maravilhas. Então, hoje *olhemos para a árvore da cruz, para que em nós brote a esperança*: aquela virtude diária, aquela virtude silenciosa, hu-

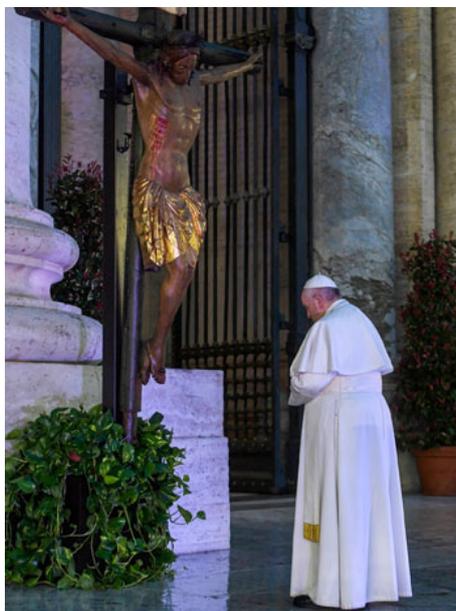


milde, mas aquela virtude que nos mantém em pé, que nos ajuda a ir em frente. Sem esperança não se pode viver. Pensemos: onde está a minha esperança? Hoje, *olhem para a árvore da cruz para que germine em nós a esperança*: para sermos curados da tristeza – mas, quanta gente triste... Eu, quando podia ir pelas ruas, agora não posso porque não me deixam, mas quando eu podia ir pelas ruas na outra Diocese, gostava de ver o olhar das pessoas. Quantos olhares tristes! Gente triste, gente que falava consigo mesma, que caminhava só com o telemóvel, mas sem paz, sem esperança. E onde está a tua esperança hoje? **É necessário um pouco de esperança para sarar da tristeza de que padecemos, para sarar da amargura com que poluímos a Igreja e o mundo.** Irmãos e irmãs, olhem para o Crucifixo. E o que vemos? Vemos *Jesus nu, Jesus despojado, Jesus ferido, Jesus atormentado*. É o fim de tudo? Ali está a nossa esperança.

Vejamos então como nestes dois aspectos a esperança, que parece morrer, renasce. Em primeiro lugar, vejamos *Jesus despojado*: com efeito, «depois de O terem crucificado, repartiram entre si as Suas vestes, tirando-as à sorte» (Mt 27, 35). Deus despojado: Aquele que tem tudo deixa-Se privar de tudo. Mas aquela humilhação é o caminho para a redenção. É assim que Deus vence as nossas aparências. Com efeito, **nós temos dificuldade em despojar-nos, em ser verdadeiros: procuramos cobrir sempre a verdade porque não nos agrada; revestimo-nos de exterioridade. Procuramos e colocamos máscaras para nos disfarçarmos e nos mostrarmos melhores do que somos.** É um pouco o hábito da maquilhagem: maquilhagem para parecermos melhor do que os outros... Pensamos que o importante seja ostentar, parecer, de tal modo que os outros falem bem de nós. E adornamo-nos de aparências, de coisas supérfluas; mas assim não encontramos a paz. Depois a maquilhagem desaparece e tu olhas para o espelho com o rosto feio que tens, mas verdadeiro, aquele que Deus ama,

não aquele “maquilhado”. **Jesus despojado de tudo lembra-nos que a esperança renasce quando somos verdadeiros sobre nós mesmos – dizemos a verdade a nós mesmos – abandonando as ambiguidades, libertando-nos da convivência pacífica com as nossas falsidades.** Às vezes, habituamo-nos de tal modo a sermos falsos que convivemos com as falsidades como se fossem verdades e acabamos envenenados pelas nossas falsidades. **Isto é necessário: regressar ao coração, ao essencial, a uma vida simples, despojada de tantas coisas inúteis, que são sucedâneas de esperança.** Hoje, quando tudo é complexo e corremos o risco de perder o Norte, temos necessidade de sim-

“
Nós temos dificuldade em despojar-nos, em ser verdadeiros: procuramos cobrir sempre a verdade porque não nos agrada; revestimo-nos de exterioridade. Procuramos e colocamos máscaras para nos disfarçarmos e nos mostrarmos melhores do que somos.”



Oração de intercessão do Papa Francisco durante a pandemia de Covid-19.

plicidade, de redescobrir o valor da sobriedade, o valor da renúncia, de limpar o que polui o coração e nos deixa tristes. Cada um de nós pode pensar em algo inútil de que pode livrar-se para se reencontrar. Imagina, quantas coisas inúteis. Aqui, há quinze dias, em Santa Marta, onde moro – que é um hotel para muitas pessoas – surgiu a ideia de que na Semana Santa seria bom olhar para o armário e despojar-se, desfazer-se das coisas que temos e que não usamos... não imaginais a quantidade de coisas que se juntaram! É bom despojar-se das coisas inúteis. Tudo foi levado aos pobres, às pessoas que necessitam. Também nós, temos muitas coisas inúteis dentro do coração – e também fora dele. Olhai para o vosso armário: olhai para ele. Isto é útil, isto é inútil... e fazei limpeza. **Olhai para o armário da alma: quantas coisas inúteis tens, quantas ilusões estúpidas. Voltemos à simplicidade, às coisas verdadeiras, que não precisam de disfarce. Eis um bom exercício!**

Demos uma segunda vista de olhos ao Crucifixo e vejamos *Jesus ferido*. A cruz mostra os pregos que Lhe furam as mãos e os pés, o lado aberto. Mas às feridas do corpo acrescentam-se as da alma: quantas angústias! *Jesus está sozinho: traído, entregue e renegado pelos Seus, pelos Seus amigos, inclusive pelos Seus discípulos, condenado pelo poder religioso e civil, excomungado, Jesus experimenta até o abandono de Deus* (cf. Mt 27, 46). Na cruz aparece também o motivo da condenação: «Este é Jesus, o rei dos judeus» (Mt 27, 37). É um escárnio: Ele, que fugira quando procuraram fazê-lo rei (cf. Jo 6, 15), é condenado por Se ter feito rei; embora não tenha cometido crime algum, é colocado entre dois malfeitores e, em vez d'Ele, preferem o violento Barrabás (cf. Mt 27, 15-21). Em síntese, *Jesus está ferido no corpo e na alma*. Pergunto-me: de que modo isto ajuda a nossa esperança? Assim, *Jesus nu, privado de tudo, de tudo: o que diz isto à minha esperança, como me ajuda?*

Também nós estamos feridos: quem não o está na vida? E muitas vezes com feridas escondidas que

ocultamos por vergonha. Quem não carrega as cicatrizes de escolhas passadas, de incompreensões, de dores que permanecem dentro e são difíceis de superar? Mas também de injustiças sofridas, de palavras cortantes, de juízos inclementes? **Deus não esconde aos nossos olhos as feridas que Lhe trespassaram o corpo e a alma. Mostra-as para nos indicar que na Páscoa se pode abrir uma nova passagem: fazer das próprias feridas canais de luz.** “Mas, Santidade, não exagere”, alguém pode dizer-me. Não. É verdade: tenta; tenta. Tenta fazê-lo. Pensa nas tuas feridas, aquelas que só tu sabes, que cada um tem escondidas no coração e olha para o Senhor. E verás: verás como daquelas feridas saem raios de luz. Jesus na cruz não recrimina, ama. Ama e perdoa quantos o ferem (cf. Lc 23, 34). Assim converte o mal em bem, assim converte e transforma a dor em amor.

Irmãos e irmãs, a questão não é estar muito ou pouco ferido vida, o ponto é o que fazer das minhas feridas. As pequeninas, as gran-

des, aquelas que deixarão um sinal no meu corpo, na minha alma sempre. O que faço com as minhas feridas? O que fazes tu com as tuas feridas? “Não, Padre, eu não tenho feridas” – “Está atento, pensa duas vezes antes de dizer isto”. Pergunto-te: o que fazes com as tuas feridas, aquelas que só tu sabes? Podemos deixá-las infectar no rancor, na tristeza, ou podemos uni-las às de Jesus, a fim de que também as nossas chagas se tornem luminosas. Pensai nos jovens que não toleram as próprias feridas e procuram no suicídio uma via de salvação: hoje, nas nossas cidades, muitos, muitos jovens não vêem uma maneira de sair, não têm esperança e preferem continuar com a droga, com o esquecimento... coitados! Pensai neles. E tu, qual é a tua droga, para esquecer as feridas? **As nossas feridas podem tornar-se fontes de esperança quando, em vez de nos comiserarmos ou de escondê-las, enxugamos as lágrimas dos outros; quando, em vez de alimentarmos o ressentimento pelo que não temos, cuidamos**

do que falta aos outros; quando, em vez de remoermos dentro de nós, nos debruçamos sobre quem sofre; quando, em vez de ter sede de amor próprio, saciamos a sede de quem precisa de nós. Pois só nos reencontraremos, se deixarmos de pensar em nós mesmos. Mas se continuarmos a pensar em nós mesmos já não nos encontraremos. E é agindo assim – diz a Escritura – que a nossa ferida em breve cicatrizará (cf. Is 58, 8), e a esperança voltará a florescer. Pensai: o que posso fazer pelos outros? Estou ferido, estou ferido de pecado, estou ferido na minha história, cada um tem a sua ferida. O que faço: lambo as minhas feridas a vida inteira? Ou olho para as feridas dos outros e vou com a experiência ferida da minha vida, curar, ajudar os outros? Este é o desafio de hoje, para todos vós, para cada um de vós, para cada um de nós. Que o Senhor nos ajude a ir em frente. ✦

Papa Francisco
Catequese feita em 5 de Abril de 2023.



Papa Francisco mostra a sua devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Como melhorar a memória



O Padre Benvenuto foi à biblioteca porque queria informações mais precisas sobre a história do Templo de Salomão, em Jerusalém: materiais utilizados, cubagem, tempos de execução e estilos. Ao procurar nas estantes, o seu olhar deparou-se com um livro intitulado Como melhorar a memória.

Perseguido pela convicção de ser distraído, começou a folheá-lo. Havia tantas coisas interessantes, que pareciam ser só para ele, e não podendo copiá-las imediatamente, usou como marcadores as folhas de papel que tinha trazido para tomar notas. Ficou tão entusiasmado com as pistas dadas no método mnemónico apresentado que, esgotados os pedacinhos de papel, pegou na chave da casa e colocou-a na página 126 e a do seu quarto na página 142.

Só quando regressou a casa é que, ao revistar os seus bolsos,

os encontrou vazios. “Bolas, exclamou ele, deixei as minhas chaves naquele livro!” A sua alegria foi tal que explicou imediatamente o que se tinha passado na biblioteca à pessoa que veio abrir a porta: “Nem imaginas! Encontrei um livro maravilhoso sobre como melhorar a minha memória. Não só me lembro onde deixei as chaves, como até o título do livro”. O porteiro respondeu com cepticismo: “Se isso te faz feliz!...” O Padre Benvenuto não ficou muito satisfeito com o comentário.

Os dois missionários famintos

O meio-dia já tinha passado há muito tempo na missão de Arequipa, no Peru. O P. António e o P. Gino regressavam a casa depois de uma manhã de intensa actividade pastoral. Tinham celebrado Missa, pregado, confessado, baptizado, e a

única coisa que queriam agora era comer algo e fazer uma sesta.

Estavam atrasados. O cozinheiro tinha saído, mas tinha deixado o almoço preparado na cozinha. Pegaram na panela da sopa, encheram os pratos e foram para a sala de jantar. Era um caldo espesso de cor indefinível. Quando começam a comer, descobrem lascas de ossos, côdeas de polenta, pedaços de pão ressecado, cascas de cebola e raízes.

O P. José, normalmente atrasado, entrou na cozinha por outra porta, pegou numa panela e apareceu com ela na sala de jantar. Ao ver que os dois já estavam a comer, perguntou-lhes: “O que estais a comer? “A sopa”, responderam. “Não, a sopa é esta. A panela de onde vos servistes era para o cão!” ✨

P. Neno Contran
Missionário Comboniano



Evangelizar as periferias

Falou-se de evangelização. É a razão de ser da Igreja. “A doce e reconfortante alegria de evangelizar” (Paulo VI). É o próprio Jesus Cristo que, a partir de dentro, nos impele.

1) Evangelizar requer zelo apostólico. Evangelizar pressupõe na Igreja a “*parresia*” para sair de si mesma. A Igreja é chamada a sair de si mesma e a ir ao encontro das periferias, não só as geográficas, mas também as existenciais: as do mistério do pecado, da dor, da injustiça, as da ignorância e da ausência de fé, as do pensamento, as de todas as formas de miséria.

2) Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, torna-se

autorreferencial e, então, adoece (pensemos na mulher do Evangelho dobrada sobre si mesma). Os males que, ao longo do tempo, afligem as instituições eclesiais, têm a sua raiz na auto-referencialidade, numa espécie de narcisismo teológico. No *Apocalipse*, Jesus diz que está à porta e chama. Evidentemente, o texto refere-se ao facto de Ele estar do lado de fora da porta a bater para entrar.... Mas, por vezes, penso que Jesus bate a partir de dentro, para que nós O deixamos sair. A Igreja autorreferencial pretende manter Jesus Cristo dentro de si e não O deixa sair.

3) A Igreja, quando é autorreferencial, sem se aperceber, acredita que tem luz própria; deixa de ser o “*mysterium lunae*” [a Igreja não tem luz própria, mas difunde a luz de Cristo – *ed.*] e gera esse mal gravíssimo que é a ‘mundanidade espiritual’ (segundo De Lubac, o pior mal em que a Igreja pode incorrer): esse viver para glorificar-se uns aos outros. Simplificando, há duas imagens da Igreja: a Igreja evangelizadora que sai de si mesma; a da “*Dei Verbum religiose audiens et fidenter proclamans*” [a Igreja que

religiosamente escuta e fielmente proclama a Palavra de Deus – *ed.*], ou a Igreja mundana que vive em si mesma, por si mesma, para si mesma. Isto deve iluminar as possíveis mudanças e reformas a serem implementadas para a salvação das almas.

4) Pensando no próximo Papa: (deve ser) um homem que, através da contemplação de Jesus Cristo e da adoração de Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si mesma em direcção às periferias existenciais, que a ajude a ser a mãe fecunda que vive “da doce e reconfortante alegria de evangelizar”. ✨

Jorge Mario Bergoglio*
Roma, 9 de Março de 2013

* Discurso do Cardeal Bergoglio aos cardeais na última Congregação Geral antes do conclave de 2013. Texto publicado pelo vaticanista Sandro Magister, no seu blog, a partir das notas manuscritas dadas ao Cardeal Jaime Lucas Ortega y Alamino, arcebispo de Havana, com permissão de publicação.



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP
Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missio.omp@gmail.com
NIPC: 501132619
Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 • I.S.S.N. – 1647 – 9203
Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes
Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca da Caparica
<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web
Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:
Arquivo OMP; João Fernandes



Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP

N° Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação e solidariedade com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



“Maria, pousai o vosso olhar sobre nós; eis-nos aqui na vossa presença! Vós sois Mãe, conheceis as nossas canseiras e as nossas misérias. Vós, Rainha da Paz, sofreis connosco e por nós, ao ver muitos dos vossos filhos provados pelos conflitos, angustiados com as guerras que dilaceraram o mundo.”

(Oração do Papa Francisco pela Paz, 27 de Outubro de 2023)